

## HISTORIA DA EGREJA DE N. S. DA LAPA, DO PORTO

Foi calamitoso para o Porto o findar do anno de 1754 á conta da inverneira que engrossou a corrente do Douro a termos de se alagarem e arrazarem ricos depósitos de vinhos na margem esquerda, em Villa Nova de Gaya. O mais prejudicado entre os opulentos proprietarios de armazens, n'aquelle tempo, foi Joseph Vicente d'Andrade Bellesa, fidalgo da casa real, mestre de campo do Terço de infantaria do Porto, e administrador dos morgadios de Valdigem e S. Lourenço. Eis aqui uma familia cuja celebridade genealogica e dinheirosa, no rodar de cem annos, se foi adelgaçando até sumir-se do plano da mediania.

De par com as calamidades do ceo tempestuoso encaminhou para este lado a mão benigna da providencia um missionario apostolico, filho do Brasil, chamado Angelo de Siqueira, devoto ferventissimo de Nossa Senhora da Lapa. Entrou o varão de Deus prégando no Porto com tanta efficacia as maravilhas da sua devoção que levava de poz si todas as almas em grande parte carecidas de Deus, que as abrigasse das inclemencias do tempo. A philosophia actual, em apertos de muita chuva, antes de ir ás predicas do Padre Angelo, recorreria naturalmente e mais depressa ás capas de gutta-perche e ás botas impermeaveis.

Não eram assim, ha cem annos, os cidadãos da terra laboriosa onde a mansenilha, a arvore da philosophia só ganhou raizes depois de muito adobada de sangue. O padre Angelo de Siqueira, como começasse a prégar no ultimo quarto mingunte da lua tempestuosa de dezembro, conseguiu o duplo prodigio de obter, no mez seguinte, uma lua inchuta e serena. Em virtude do quê, alguns sujeitos de maior porte lhe offereceram terreno em que elle edificasse uma capella á Senhora da Lapa, no logar de Santo Ouidio, á raiz d'um monte, entre as duas estradas que vinham de Braga e Guimarães.

Começou a obra em 7 de janeiro de 1755, e já a 20 uma igreja com oitenta palmos de comprimento e quarenta de largura estava coberta. Treze dias! Que admira! O noticiador do maravilhoso esforço escreve: «E' inexplicavel o grande fervor com que todo o povo d'esta cidade concorreu para este sancto edificio, assim para a despeza como para o trabalho. N'elle se empregavam muitos fidalgos principaes que vivem no Porto e muitas fidalgas, varias mulheres de ministros togados, clérigos, religiosos, homens e mulheres particulares, e plebeas, estudantes, meninos e meninas; uns partindo as pedras, outros acarretando os materiaes e conduzindo as telhas. O mesmo coronel governador das armas marchou com os regimentos armados para o mesmo logar, para todos trabalharem n'esta devotissima obra, sendo elle o primeiro que lhes deu exemplo, provocando este piedoso espectáculo lagrimas de cordial gosto a todos os circumstantes.»

Quanto pôde a fé afervorada pela unção apostolica do padre Angelo! As fidalgas carreando entulho com os

seus guarda-infantes amarrotados pela serguilha das mulheres da arraia-miuda! Meninos e meninas com estudantes e frades e soldados e mulheres de ministros togados a pucharem ás cordas dos guindastes, a tirarem pelas alçapremas! Edificante mistura e commovente azáfama! Hoje aposto eu dobrado contra singelo que o padre Angelo se quizesse fazer igreja e prégar tres horas na Praça-Nova para esse fim, difficilmente arranjaria pedreiro a menos de 400 reis por dia!..

Como tudo se muda e degenera! Por isso as coisas vão como vão!..

Os peccadores d'aquelle tempo... Pois havia quem peccasse? Parece que sim. Diz o informador que pegado á igreja se construiu um confessionario publico, onde os homens hiam de noite fazer as suas confissões geraes, sem serem conhecidos, para que o pejo dos peccados os não perturbasse. Fez-se alli tambem uma roda para mediante ella se restituir dinheiro, peças d'ouro e prata, até furtos sem serem conhecidos os restituidores.

Pelos modos tambem havia ladrões n'aquelle tempo. É pena que a geração actual possa atirar com isto á cara de seus avós. Haveria ladrões, não duvido; mas faziam-se igrejas em treze dias. E agora?.. Não quero questões.

E no tal confessionario armaram-se camas e cozinhas para os penitentes que la queriam fazer bom exame de consciencia, desafogados dos cuidados domesticos.

Se hoje a piedade abrisse casas d'estas, seriam bastos os hospedes a ceiar; os quaes para não fazerem exame de consciencia ja entrariam sem ella para lá. Os exames d'agora são todos de estomago. Toma-se ferro e pepsina como então se tomavam hostias.

O reviramento é completo!

E depois ornamentaram a igreja faustuosamente, e logo, ao vigesimo dia, se disse missa com orgão, e grande consolação dos fieis. A imagem da Senhora da Lapa sahiu do convento de Santa Clara, a 10 de março, em magestosa procissão, á frente de trez andores com S. João Marcos, S. Francisco e S.<sup>ta</sup> Clara. A Senhora ficou-se chamando da *Lapa das Confissões*. Illuminaram-se as janellas á noite, e folliaram até á madrugada indistinctamente todas as classes do Porto.

E' consolador pensarmos que não podemos ser indifferentes ás pias almas dos nossos avós de 1755. Lá estão onde peçam por nós, que bem mister se nos faz.

O magnifico templo que o leitor vê não é o esboço de igreja que ha cento e treze annos fizeram em vinte dias os meninos e meninas com os estudantes e soldados, e mais os frades e fidalgas. Não, senhores. Agostinho Rebello da Costa, trinta e tres annos depois, escrevia que não estava ainda concluida a igreja. No tempo de Rebello ainda lá demoravam confesores permanentes que faziam d'aquella casa um alfôbre de anjos; mas não diz elle se no seu tempo ainda era moda restituir os roubos. Desconfio que esse costume já ia em grande decadencia.

Ora eu, para que me não digam que dou o exemplo de ter passado de todo a usança de restituir o furtado



declaro que respiguei estas noticias em um folhetinho publicado em 1755, com este titulo: *Copia de uma carta escripta por um cidadão do Porto a um amigo morador em Lisboa, e Relação da singular noticia que n'elle se contem.*

Que singular noticia!

C. CASTELLO-BRANCO.

## REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS.

(Continuado do n.º 4.)

IV

### ⊕ vaticinio

Em um dos estivos dias de julho, quando a athmosfera avermelhada e tepida despede faiscas electricas que de espaço a espaço fendem os ares e anceiam a alma debaixo de pressão magnetica; quando os nervos se contrahem a cada lufada calmosa da aragem, ou ao reflexo d'um raio de sol pallido e abrazador; em um d'esses dias, em que ceo e mar se cazam em procellosas nupcias, fomos de caminhada até á linda cazinha de Balbom.

E' domingo: é o dia de repouso para o ceareiro; Anselmo da Costa não o desperdiça nunca.

Com effeito, não nos enganamos suppondo-o alli. La está elle sentado debaixo do caramanchão de tilias d'onde o lance d'olhos alcança todo o jardim. Estendido sobre um banco de cortiça, e um pouco reclinado sobre o hombro da esposa, folga e sorri como creança.

D. Antonia recostada tambem no rebordo do banco, está como sopitada em meditação menos risonha. Alguns passos distante, sobre um combrosinho de relva, Regina com os braços crusados contempla, na ampla bacia de granito, o cahir espumoso de mil gotas de agua. De vez em quando alonga a vista por entre as olaias floridas e as rozeiras.

Eugenia apoiada ao braço de Raphael passeia no arruado de lorangeiras já nosso conhecido.

Que diriam elles?

Segredos encantadores; mil nada, que se traduzem em versos harmoniosos; palavras soltas ditas a meia voz, d'estas que os corações apaixonados refazem e completam ajudados pelo instineto secreto que une duas almas nas mesmas aspirações e desejos!

Que devaneios aquelles. Que suspiradas chimeras!

Oh! como a mocidade é linda!... Que bellamente o disseram tres versos do inspirado e mago cantor de Julia:

.....  
é tudo prazer e amores  
ceo e terra, montes, valles,  
rebanhos, aves, pastores (º)

(º) A. F. de Castilho—«Amor e melancolia.»

Em frente de Anselmo da Costa, o visconde percorria distraído um masso de jornaes, mais attento do que na apparencia queria mostrar ao que se estava passando no jardim. De repente, levantou-se, fazendo um movimento. Retraiu-se todavia por um grande esforço, e continuou a observar com ar sombrio e taciturno.

Salvador chegava n'este momento ao lado de Regina com um grande ramo de flores. O suspeito fidalgo viu que o mancebo se inclinava para ella, e como não podesse áquella distancia ouvir o que diziam prescrutavalle os movimentos, espionando no candido rosto da menina a impressão que lhe causavam os galanteios do moço.

Deixemol-o, por um pouco, e vamos ouvir o que diziam os dois.

Regina, como a rosa que ainda em botão promette muito, e vai progressivamente desabrochando petala a petala até se formar de todo n'um admiravel conjuncto, tinha adquirido novos encantos n'estes ultimos mezes. E' uma adoravel creatura! A alegria infantil tem já o mimoso toque da donzella que começa sem o saber a entrar n'uma outra phase da existencia. Seus olhos, procuram mais o ceo; o sorriso é mais reflectido; e n'aquella ingenua fronte revela-se emfim a rapida transição operada pela natureza.

Salvador caminhou para ella de mansinho, sem notar um leve colorido que abrilhantou as faces da juvenil senhora.

—Trago-lhe flores,—disse com voz meiga.

—Sim?—respondeu ella—agradeço.... Ah! são martyrios, e saudades! Lindas são ellas—continuou juntando-as entre os dedos longos e afilados—mas tem um nome que significa tristeza. Pois não as quero; não: vá-me colher rozas e jasmims... as flores da minha paixão.

—Irei, já que assim despreza os emblemas da dôr, minha amiga? E' então certo, que a sua alma só antevê risos no futuro!

—Risos!... ai! que atroz engano!—murmurou Regina baixando a cabeça quase a tocar com os labios no ramo que conservava na mão.

E, como maquinalmente, sentou-se na relva, desfez o nó que formavam seus dedos em redor das hastes soltando as flores sobre o regaço. Depois, curvou-se pensativa sobre o declive do combrosinho, colheu umas folhas de hera que se enroscavam quase a seus pés no tronco d'arvore plantada por ella, e começou a tecer uma corôa entremeiando as saudades com os martyrios.

O mancebo, callado e immovel, contemplava-a com paixão.

Findo o gostoso trabalho, Regina levantou os olhos dizendo com accento grave e melancolico:

—Para qual dos dois?

—Para mim!—bradou o mancebo com fogo.

—Para ambos!—tornou ella com entonação prophetica que fez estremecer o moço.—Para ambos,—repetiu. Partamo-l'a ao meio, e um dia, se estas flores vigerem, as tornaremos a unir. Quer assim, Salvador?

Se quero!... Abençoado seja o laço mysterioso que



une as nossas almas, ainda mesmo que esse laço se torne o grilhão da desventura. Em antes, porém, consinta que essas pobres flores recebam a consagração devida.

E dizendo isto, tomou a grinalda poisando-a levemente sobre os cabellos de Regina annellados desde a raiz.

N'este momento, uma detonação surda ribombou ao longe, e correndo ligeira e tenebrosa estoirou formidável sobre os laranjaes.

Ao trovão succederam os relampagos.

A senhora muito pallida apertou as mãos ao seio bradando:

—Jesus!

—Salvador ainda com o braço estendido, e os labios contrahidos por uma amarga ironia, disse-lhe:

—Nada de sustos, minha amiga. Tema as borrascas e tempestades da terra. Estes são os hymnos que festejam a sagração da nossa corôa immortal. Corôa de martyrios e saudades, tecida pelas suas mãos...—E continuou baixando a voz.—Mulher fraca que não acha força para saltar por cima dos abrolhos que lhe obstruem o caminho do paraíso! Falta-lhe a coragem, ou não quer. Pois bem, resigno-me. Tomo de si o quinhão que me quer legar.

E n'um accesso de frenezim, lançou-lhe as mãos á cabeça, desfez em duas metades a grinalda e apresentou-lhe uma, guardando a outra entre a camiza e o colete.

A donzella pegou na sua metade com tristeza, e suspirando:

—Oh! quem podera rasgar as paginas do destino!... —disse ella.

—O destino! qual destino?—gritou o moço, com vehemencia.—Pois havemos de crer que Deus a destinasse para aquelle homem, juntando n'uma só creatura tantas perfeições? Seria possível, Regina? Pode convencer-me de tão monstruosa combinação?

—Silencio! silencio, Salvador!—repetia a menina com voz temerosa.—Olhe que podem ouvir-o. Quem lhe fallou no visconde?

—O seu pensamento—accudiu elle.—Não sabe que leio em seu coração, como n'um livro aberto? Não sabe que está ahí empregada toda a minha intelligencia, toda a força de vontade do meu espirito?

—Se assim fosse... balbuciou a donzella.

Salvador, entregue quase a uma allucinação não a ouviu.

Passados alguns momentos continuou como fallando para si:

—E diz que é minha amiga!... Tem-me confessado que tem horror a este homem e vae sacrificar-me a sangue frio...

—Eu!—exclamou imprudentemente Regina.—Eu! sacrificial-o sem dôr! ai não diga isso! Deus sabe d'onde me vem esta força que me faz revoltar contra o desejo de meus pais, e...—A esta suspensão no rosto do mancebo fulgurou como um clarão subito. Poz as mãos e disse-lhe com uma voz em que havia o tremor das lagrimas:

—Acabe! acabe! piedade, Regina!

—Piedade para mim, Salvador, que sou a mais necessitada dos dois—bradou ella como n'um soluço.

—Agora sim—respondeu e mancebo com transporte.—Agora accetto tudo, mesmo a desgraça vinda das tuas mãos, anjo; agora posso morrer! Os martyrios da nossa corôa podem murchar; mas as saudades serão immorredoiras.

Emquanto esta scena se passava, o visconde não podia encobrir a agitação do seu espirito. Anselmo da Costa tambem não perdia de vista os personagens d'ella. No franco rosto do negociante, passava de vez em quando uma nuvem escura. Olhava para o visconde que o não via a elle, tanto as suas faculdades visuaes estavam attentas para outro lado, e d'este iam descahir na esposa que respondia com um olhar não menos penetrante e intelligente.

Em uma d'estas occasiões, não podendo já sopear os impetos vertiginosos que o acomettiam, o visconde soltou um ai, que afogado á nascença degenerou n'um grunhido surdo e destoante.

Voltaram-se os esposos, procurando a causa do afflictivo gemer do visconde, e deram com Salvador arrancando da cabeça de sua filha as flores; e ambos com o rosto irradiando o reflexo do intimo clarão que lhes fervia no seio. D. Antonia estremeceu no banco, e ia levantar-se, quando o braço do marido a susteve, e a sua voz quebrou o silencio afflictivo d'esta situação.

(*Continúa.*)

## ECHOS DO PORTO

A mazorral melancolia das noites portuenses durante o corrente inverno acaba de ser felizmente cortada com a presença brilhante de dois artistas notaveis no theatro de S. João.

Arthur Napoleão e Mademoiselle Lebouys fizeram reunir por uma noite a sociedade portuense, que se não tornara a encontrar desde a estação lyrica do anno passado, e para a qual, na occasião presente, as suaves commoções da musica eram apenas acordadas pelo festival Zé Pereira dos ultimos brodios politicos.

Para quem estava costumado a receber annualmente de Milão e de Paris a visita luminosa do anjo da harmonia é triste ver o cherubim da musica, bufando n'um montezinho e arripiado clarinete, advir-nos agora em procissão sertaneja dos matagaes alvoroçados, onde a revolução gaiteira alçou o pendão municipal, ancioso de se desfraldar, em toda a redondeza do respectivo districto, ás auras prenhes de patriotismo e de jubilo.

A esse lamentoso estado nos achavamos reduzidos com grande magoa e justissima indignação das mulheres elegantes, impossibilitadas, pela gentileza do seu sexo e pela brandura da sua indole, de pedirem á agitação geral um naco do pão saloio com que a politica abundan-



temente embrôa os espiritos esfaimados que se lhe agregam.

E' mau que um povo se deixe entrar assim tão inteiramente da febre de salvar o paiz a que pertence. A politica é a mais devassa, a mais esteril, a mais embrutecedora das amantes em cujos braços pode lançar-se um homem. Ai do que se faz politico se a superioridade absoluta do seu talento o não chama a governar os homens dirigindo-lhes os destinos da maior altura da tribuna ou da imprensa! Os que ficam nos logares secundarios do machinismo governativo são apenas os degraus immundos da escada eternamente encodeada pelos despeitos vingativos dos que descem e pelas ambições rancorosas dos que sobem. Todos os demais são mortos inteiramente para a civilisação e para a prosperidade.

Depois de aggreiado um homem no seio dos influidores da governação publica escusaes de lhe pedir mais botas se é sapateiro; mais estofos se é tecelão; mais versos se é poeta; mais quadros se é pintor. Tudo quanto d'ahi por diante fizer de sua profissão será descurado, mediocre ou mau.

As amantes vulgares desejam que os homens que se captivam dos encantos d'ellas as mereçam pelo afínco do trabalho e pela elevação da intelligencia. A politica não pede aos que se lhe devotam senão que larguem tudo para a seguir. A riqueza mesma se dispensa para lhe agradar, porque ella propria promette pagar os amantes que tiver.

De todas as vezes que nos apuramentos eleitoraes se escumam os meritos dos cidadãos que hão de representar o povo, noto eu que todo o valor pessoal é impedimento á ascensão politica. Se o candidato faz botas accusam-no de ser sapateiro; se faz livros dizem que não passa de um litterato; se faz casas chamam-lhe apenas um architecto.

E cada um d'estes individuos é considerado inhabil para a direcção da republica. Entende-se que cada um tem os defeitos da classe a que pertence, d'onde se tira que melhor é não ter classe alguma definida. Vejam que estímulos de progresso se não encerram n'este axioma, aliaz vulgar, de que ser nada é o melhor dos penhores que o sujeito pode dar de vir a ser alguma cousa! *Ser alguma cousa*—gloria suprema de que fica, pelos modos, riscado todo aquelle que tiver o infortunio de ser *alguem*.

Do que deixo dito concluo que um paiz de politicos é um paiz perdido e que a leitora tem perfeitamente razão preferindo aos comicios patrioticos o theatro de S. João, onde eu peço licença para a acompanhar.

Arthur Napoleão é hoje o mais notavel dos musicos portuguezes e um dos artistas nacionaes que mais tem honrado na Europa o nome da sua patria. Não ha muito tempo ainda que eu proprio fui testemunha do subido apreço em que elle é tido no paiz onde melhor se aprecia o merito de quem o tem, e onde se consagram e legitimam todas as reputações e todas as glorias.

Foi em Paris em casa de Emile de Girardin, o celebre redactor da *Liberté*,

No sumptuosissimo salão do Rothschild da imprensa contemporanea, perfeito modelo de elegancia e de luxo, estavam reunidos varios homens eminentes pelo seu talento ou pela sua posição social.

Madame de Girardin, uma das mulheres mais encantadoramente bellas que eu conheço, achava-se de cama gravemente doente, e a ausencia do idolo entristecia o formoso templo da sua invocação. Corriam alem d'isso boatos de uma proxima recomposição ministerial; o sr. Peyrout, o mesmo que escreveu o magnifico proemio das *Palavras de um condemnado*, tinha trazido das Tulherias a noticia da demissão do ministro Rouher. Em casa do redactor da *Liberté* os homens discutiam com vivacidade, em pé, juncto dos fogões, ou passeavam agitadamente na sala ou nas galerias recheadas de esculpturas e de quadros. O sr. de Girardin estava preocupadissimo e fallava pouco e seccamente. Foi n'esta conjunctura, pessima para admirar artistas, que o nosso joven compatriota appareceu no salão acompanhado do escriptor inglez Mortimer, um dos redactores do *Times de New-York*, o qual apresentou ao redactor da *Liberté*:

«Monsieur de Santos, pianiste portugais.»

O nome de *Santos* dado ao meu conterraneo mais conhecido em Portugal pelo seu primeiro nome e pelo primeiro dos seus appellidos, fez-me uma impressão desagradavel. *Santos* pode sel-o quem quer. Arthur Napoleão, quando todos os demais o ignorassem, sabia eu pelo menos que queria dizer alguma coisa.

Mas o nome de Napoleão tambem não era de bom agouro n'aquelle sitio. Foi talvez um sentimento de diplomatica delicadeza que aconselhou Mr. Mortimer a não pronunciar o primeiro appellido do seu apresentado em casa do primeiro orgão da opposição do imperio francez.

Girardin disse a Arthur Napoleão que lamentava immenso que as occupações do seu espirito lhe não permittissem em tal occasião consagrar-lhe mais do que alguns minutos, se elle quizesse ter a bondade de se fazer ouvir. Mortimer opinou que se accitassem immediatamente os curtos momentos de attenção consagrada pelo activo jornalista ao artista predilecto do escriptor britanico, a sensibilidade mais fina, a indole mais sinceramente entusiasta do bello e finalmente o inglez menos inglez a quem eu tenho tido a honra de apertar a mão. Dois creados de libré agaloados d'ouro aproximaram um candelabro e abriram um magnifico Herard de grande cauda todo d'ebano primorosamente marchetado.

Arthur, fallando-me em portuguez, manifestou-me a repugnancia que tinha e a inconveniencia que se lhe figurava em tocar perante um auditorio tão mal disposto para o escutar, e depois de varias considerações concluiu que, se os seus ouvintes se reunissem para lhe dar palmas, não haveria grande merecimento em lh'as arrancar.

Em seguida sentou-se ao piano com um gesto d'ave de rapina ao tomar conta da presa.

O instrumento magnifico respondeu ás primeiras dedilhações do artista com uma harmonia vibrante, suave



e limpidissima. Depois as notas, arrancadas quase simultaneamente do teclado inteiro, partiram, conglobaram-se, alaram-se, redemoinharam em turbilhões, dispartiram-se em rojos, compelindo-se, recalcano-se, dobando-se em catadupa, escachoando como vagas e espumando e espadanando cascatas de harmonias. A veia do genio tinha feito rebentar da rocha a magestade precipitosa do Niagara. O artista, possuido do Deus intimo que produz o delirio dos videntes tinha-se consubstanciado e encorporado ao piano: dirieis a apparição de um ente fantastico á similhaça do Minotauro. O instrumento estremecia, arquejava, ululava, bramia, em delicias, em frenesis, em extasis, debaixo dos dedos convulsos que lhe transmittiam o intendimento, a sensibilidade profunda e a paixão olympica.

Durante esse tempo todas as pessoas, que, primeiro por delicadeza e depois por attracção, se tinham agrupado em volta do piano, haviam suspendido toda a conversação, conservando-se immoveis e extaticas, e tendo apenas voz para exclamar de quando em quando: «Magnifico! Surprehendente!»! Quando o desempenho terminou arrancando do coração do piano o seu ultimo soluço, confundido n'um trovão de palmas, Arthur Napoleão estava nos braços dos seus ouvintes a principio mais frios ou mais preocupados. Girardin esqueceu todos os que fazeres que tinha e, instando-o a que tocasse duas outras vezes, pediu-lhe que ao voltar a Paris, d'onde elle partia dentro de poucos dias, concedesse a Madame de Girardin o praser de o apresentar aos seus convidados em um grande concerto, antes de se deixar ouvir do publico parizense no seio do qual o esperava a gloria.

No ultimo concerto dado no theatro de S. João, Arthur Napoleão revelou-se tão consumado compositor como perfeito concertista. Entre as peças que lhe ouvimos, a fantazia sobre motivos da *Africana* é um primor de *style* e de gosto, em que se conhece a mão segura de um artista consciencioso e forte. A orchestração é cheia de relevo, de expressão e de sentimento. Não é licito fallar d'esta peça sem assignalar o brio conscienciosissimo com que a desempenhou a orchestra regida magistralmente pelo snr. Nicolau Ribas, um homem de intelligencia rara e de superior sensibilidade artistica, que elle sabe como poucos, transmittir com o olhar e com a expressão do gesto aos artistas subjeitos ao movimento da sua batuta.

Mademoiselle Lebuoys é uma rebequista da boa escola franceza, que é hoje, para quasi todos os instrumentos mais particularmente para a rebecca e para o violoncello, a primeira escola do mundo. Entre as suas qualidades de *virtuose* sobresaem principalmente a afinação e o mimo.

Mademoiselle Lebuoys é, alem d'isso, uma creatura da qual é permittido acreditar que poderá muito bem, querendo-o, dominar um coração como domina uma rebecca.

Dei-me licença de fazer este reparo, imaginando-me ainda na orbita das apreciações artisticas: a fealdade é

a anthese do lyrismo, e a deselegancia é a mais insofrível das desafinações em que pode incorrer a mulher.

RAMALHO ORTIGÃO.

## PALESTRAS LITTERARIAS

### III

#### Do romance.

Procurando demonstrar a influencia benefica do romance na formação dos bons costumes não desconhecemos que vamos lidar n'uma empresa difficil, pela muita desconfiança com que hade receber-nos grandissimo numero de pessoas persuadidas de que não é possivel fazer similhante demonstração, sem recorrer ao sophisma: tão enraizado está geralmente o preconceito da ruindade das novellas, no tocante á puresa da moral!

Para contradizer esta idea falsa poderíamos apontar muitos exemplos, citar dezenas deromances nos quaes se não encontra um so pensamento que os censores austeros, e moralistas escrupulosos, possam marcar com a phrase theologica e infamante de *sapit haeresim*; receamos porém, que nos digam: «Esses factos particulares são apenas excepções, que servem de confirmar a regra, e não de a destruir; os livros que citaes são bons, e de sã doutrina, mas não podeis d'ahi concluir, sem offender a logica, que o genero de litteratura a que elles pertencem seja igualmente bom, e saudavel para o espirito.»

Não tendo, como de feito não temos, razões bastantes para desfazer esta objecção, dariamos o triumpho aos adversarios, sem que nos ficasse ao menos a gloria de ter pelejado em deffesa da nossa causa. Seguiremos pois outro methodo, procurando desentranhar da propria indole do romance a evidencia de ideas cuja convicção temos e desejamos trsnsmittir: voltaremos contra o peito do inimigo as suas mesmas armas, transferindo o combate do estreito campo a factos particulares para a região elevada e luminosa da philosophia.

Não se sobresaltem com este dizer os que desadoram concepções e theorias remontadissimas, talvez de facil comprehensão para os sabios, mas de certo impenetraveis para o vulgar dos leitores; descansem estes que não subiremos la tanto acima: iremos so até onde o permittirem as poses da nossa intelligencia e portanto nunca nos guindaremos tão alto que nos percam de vista os entendimentos menos esclarecidos. So ás aguias é dado esconderem-se nas nuvens, e quem isto escreve (prosigamos na methaphora) pertence ao povo numeroso da passarinhada miuda.

Dada esta explicação para tranquillidade dos inimigos de Hegel, Fichte, Kant e varios outros (de quem apenas conhecemos os nomes... e alguns discipulos) continuemos o caminho em que hiamos.

Todo o romance, seja qual for o genero em que se filie, é essencialmente uma obra de analyse, ou do individuo, ou da sociedade: o que não for isto, ja o dissemos n'outro logar, usurpa um titulo que não merece. Ora to-



da analyse produz necessariamente um ensino, bom ou mau, conforme ella for exacta, ou infiel.

Ninguém poderá affirmar que os tratados de philosophia moral prejudicam a moralidade; poderá a um ou outro lançar-se-lhe esse stygma, quando estabeleçam principios erroneos para deduzir-lhes as consequencias, mas em geral são proveitosos, porque do exame feito sobre a natureza humana e condições da sua existencia tiram a limpo quaes as relações que prendem o individuo á humanidade, e a creatura ao creador: dado este passo, facilmente nos levam ao conhecimento dos deveres que temos para com os outros, para comnosco e para com Deus.

O romance não tem este caracter de generalidade no ensino dos deveres, pela razão de se limitar ao estudo d'um sentimento ou d'uma epoca; mas pela sua indole analytica, visa ao mesmo escopo embora n'um campo mais estreito, e augmenta-lhe vantagens o processo que emprega no exame.

Se bem reflectimos, o romance differe essencialmente do tratado no methodo e na forma; este, para descobrir uma verdade occulta, vae deduzindo d'um principio incontroverso ideas e juizos, até que chega á conclusão final; é um trabalho da razão: aquelle narra successos fazendo-os derivar uns dos outros, e subordinando-os todos á expressão d'uma idea: a intelligencia, a phantasia e o sentimento collaboram n'esta empresa.

A necessidade de prender o raciocinio, por modo que elle não perca o fio das ideas, imprime nos tratados um cunho de precisão, que embora auxilie o entendimento, fatiga o espirito, por somente permittir o exercicio da intelligencia e da memoria, em quanto que ficam inertes as restantes faculdades.

Não exige o romance a laboriosa deducção das ideas, offercem-se ellas com muita facilidade nas expansões do dialogo, no desenho dos caracteres, na pintura dos affectos e desinvolvimento da narração: e isto ainda amenisado com a descripção dos logares, situações e lances fora do usual, faz com que taes leituras sejam não so de facilima comprehensão, mas tambem agradaveis, e por isso mesmo desejadas e procuradas, em quanto que os livros scientificos, os livros sisudos e muito substanciosos de doutrina, apenas aos sabios subministram leitura.

Demais: o livro pura e descarnadamente doutrinal embora seja o seu alvo regular o sentimento, dirige-se sempre á intelligencia; ora, quando a alma repousa, os preceitos que dimanam da legitima soberania da razão são respeitados e obedecidos; mas quando as paixões se levantam irrequietas e luctam com toda a sua energia raras vezes poderá a força da razão quebrar-lhes a furia. *Nunca o fogo abrazou a vontade que o fumo não cegasse o entendimento*, disse com profundo conhecimento do coração humano um orador sagrado (\*)

O raciocinio e a experiencia nos dizem que não é o mais proveitoso meio de aperfeiçoar os bons costumes enriquecer a intelligencia com ideas absolutas, e adornar a

memoria com maximas de bom procedimento; melhor systema indubitavelmente é educar o coração tornando-lhe mais elevados os sentimentos e mais nobres as paixões, e ainda impressionar a imaginação com os heroismos da virtude, ou com o repellente espectaculo dos vicios. Tal é o processo que o romance emprega; portanto não será temeridade affirmar que a sua influencia na formação dos bons costumes, longe de ser inferior á dos tratados de moral, é, ao contrario, mais profunda e benefica.

Poder-nos-hão agora objectar que toda a nossa defeza cahe, por falta de esteio solido, pois que esse espirito de analyse, o qual dissemos ser uma das qualidades essenciaes das novellas, é o menos que ellas tem; grande numero são apenas historias frivolas, aventuras sem pensamento, sem verdade e até sem nexos; e outras, embora se destinem ao estudo do coração, ou da sociedade, empregam tão falsas tintas na pintura dos seus quadros que não é raro apresentarem-nos a justificação das paixões mais abjectas e criminosas.

Quanto aos primeiros insistiremos em affirmar que a taes livros, filhos da especulação ou da ignorancia, negalhes a boa critica o fôro de cidade: quanto aos outros devemos observar, que se a analyse do sentimento fôr exacta, necessariamente o retrato dos vicios e más paixões hade ser asqueroso e tôrpe; o contrario será substituir a verdade pela chimera: o livro que tal fizer é litteraria e moralmente mau; todavia não pode d'ahi concluir se que seja igualmente nocivo o genero de litteratura a que elle pertencer.

Contrairemos em poucas linhas o muito que se nos offerencia dizer relativamente ao valor dos romances, como produções do espirito.

Quem reflectir que para se compor um romance, tal como o exige a arte moderna, são necessarias eminentes qualidades do espirito e do sentimento, por certo que se não reunirá ao numero dos que recebem com desdenhoso sorriso a palavra *romance*, considerando este como uma bagatella litteraria despida de merito, indigna de apreço!

E todavia ao romancista que seriamente olhar para o seu nome e para o seu dever é-lhe indispensavel, alem de natural aptidão, trabalho incessante e dilatado. Seja qual fôr o genero a que mais particularmente se dedique nada poderá conseguir, se não enriquecer a intelligencia com o estudo de si mesmo, da sociedade e dos livros. Penetrar nos arcanos do coração humano é extremamente difficil, é quasi impossivel, se á observação propria, perseverante e esclarecida, não juntarmos tambem a observação dos que nos precederam n'esse estudo, e conseguiram, á força de reflexão e experiencia, descobrir algumas verdades reconditas.

Para quem não avaliar estas materias superfecialmente é de intuição que o romancista precisa não so de raciocinio vigoroso para ligar os factos e subordinar-os a uma idea, mas tambem conhecimentos largos para fazer com verdade e proveito a analyse do individuo, ou da sociedade.

Alem d'essa aptidão segue-se-lhe ainda phantasia

(\*) Vieira—Sermão do Mandato—exordio.



brilhante e fecunda para inventar e colorir; delicadesa de sentimento para mover os affectos segundo aquella eterna verdade proclamada ha quase desenove seculos por um poeta de Roma:

*Si vis me flere, dolendum est primum ipsi tibi.*

Se ainda accrescentarmos o *gosto* para collocar as figuras e dar-lhes apropriada attitude—qualidade necessaria em todas as obras da arte, e que so pode adquirir-se cabalmente pelo aturado estudo sobre os bons modelos—o conhecimento da linguagem bastante para reproduzir as formosuras, as grandezas da creação, e traduzir com verdade e lucidez as mais delicadas transformações do espirito; se bem considerarmos tudo isto, seremos forçados a reconhecer que é suprema injustiça tratar com menos-preço ou desdem as obras do trabalho e do talento.

DELFIN D'ALMEIDA.

## Á CERCA DOS JESUITAS

### Carta ácerca da morte de Clemente XIV

(Conclusão.)

«A' mesma hora do dia seguinte foi aberto e embalsamado o cadaver; mas primeiro se observou que o rosto estava livido, os beiços e unhas estavam negros, a região dorsal tambem ficara denegrida e o abdomen inchado.

«Aberto o cadaver, viu-se o lobulo esquerdo do pulmão adherente á pleura inflammada, e ambos os lobulos regorgitados de sangue crasso. Cortada esta substancia, estilou um puz sanguineo. Aberto o pericardio, achou-se o coração muito redusido por falta do fluido incluso no pericardio. Debaixo do deafragma, o ventriculo e intestinos estavam cheios de ar e cancerados.

«Fez-se a incisão do esôphago, continuando-se até ao ventriculo e piloro e pequenos intestinos. Viu-se todo o interior do esophago inflammado, e disposto á gangrena, e bem assim a parte superior e inferior do ventriculo; e tudo cheio de um fluido que os professores nomearam *atrabilis*. O figado estava pequeno com durezas cirrosas superiormente; na vesicula do fel superabundava humor, e no baixo ventre limpha. No craneo, a dura-mater estava turgida e um pouco flacida.

«Introduzidas as intranhas em uma redoma, rebentou a redoma á uma hora da noute, derramando por toda a casa insoffrivel fodor. Não obstante o embalsamarem-no poucas horas depois, na manhan seguinte foi preciso chamar um medico, o qual achou o cadaver muito fetido, o rosto denegrido, as mãos negras, e nas costas empollas altas da grossura de dois dedos, cheias de serosidade liviviosa, como se lh'as tivessem queimado. Alem d'isto, viu-se grande quantidade de sôro sanguinolento que escorria pelo leito e arregoava no pavimento, causando grande e phenomenico espanto aos medicos. Quizeram fechar o cadaver; mas monsenhor mordomo obstou disendo que isto devia produsir máo effeito no publico. Pro-

curaram-se outras cautelas. Começaram as unhas a cair-lhe á menor esfregação, e a epiderme a arregaçar-se-lhe das mãos. Notou-se mais que todos os musculos da região dorsal estavam despedaçados e desfeitos, formando os musculos intercostaes uma fenda por onde se viam os balsamos illesos dentro do peito. Cahi-lhe grande parte dos cabellos. Embalsamado e revestido de novo, foi levado em caixão fechado para S. Pedro.

«Apesar da politica com que se explicou a maior parte dos medicos, divulgou-se logo em Roma o que fica descripto. Escandalisou-se o povo romano, e disse que o papa fôra invenenado com peçonha de effeito lento que se fabrica na Calabria e na Peruggia. Os espiritos observadores confrontavam as profecias que de certo não tinham espirito de Deus, porque a maior parte d'ellas sahiram falsas. Confrontaram tambem as noticias e estampas, as ameaças e a commoção interna de Clemente XIV, a inflammção da garganta, a falta de forças progressivas, o frio, a inchação do ventre, a retenção de ou- rinas, a perda da voz, os vomitos, a lividez, a negridão das unhas, o despegar dos cabellos, a secura do coração, isto tudo combinado deu em resultado que peritos e imperitos dessem como averiguado que Clemente XIV morreu de veneno, e entre os imperitos estou eu, e entre os amigos de v. tambem de quem, com a mais affectiva estimação, sou etc.»

Quem não estava com o sisudo auctor da carta era Cezar Cantu, o rapsodista mais sem critica e discernimento que ainda alinhavou historia de remendos. Cantu mofa dos credulos no homicidio de Clemente XIV. Quase o vitupera por ter extinguido a companhia de Jesus, e assevera que «não se liquidou um só jesuita culpado dos crimes attribuidos.» Inectiva contra os estadistas europeus que calumniaram a innocente companhia, e carrega mais a mão sobre o conde de Oeiras a quem elle, para guardar uma veracidade irreprehensivel no todo da sua historia, chama *Joseph de Pombal*. (\*)

Quem dilucidou as incertezas e justifica plenamente a carta do portuguez foi Augustin Theiner que, pouco ha, publicou uma *Histoire du Pontificat de Clemente XIV*. Soccorreu-se de documentos ineditos encontrados nos archivos secretos do Vaticano, e mostrou hora a hora os effeitos do veneno no pobre ancião de sessenta e nove annos. Era tristemente magestoso ouvil-o, quase ao vasquejar da vida, discorrer ainda com aquella florecencia e nitidez de que proviera chamarem-lhe o Miguel Angelo dos oradores!

Bem tinha elle interpretado aquellas cinco lettras do cartaz pregado em Roma: *I. S. S. S. V. in settembre sarà sede vacante*. Já o veneno lhe lacerava de antemão as entranhas, quando, assignada a estincção dos jesuitas, murmurou: «Fiz o que devia; não me arrependo; mas esta suppressão hade matar-me». Aceitou com jovial semblante as agonias, sem ao menos se pôr em côbro. A

(\*) Veja o tomo XVII da versão de Lacombe, edição de 1862, pag. 208 e seg.



contorcer-se nas dos ultimos dias, recebia os visitantes que o procuravam, e captava-lhes os corações e as lagrimas. Um rico lord que o viu no derradeiro mez de vida, sahiu disendo: «Se este papa podesse casar, eu dava-lhe a minha filha unica».

Posto isto, resta-me acrescentar que ainda me não decido contra nem a favor dos jesuitas. Em primeiro logar por que eram homens tão barro e lodo como eu. Em segundo logar, por que os adversarios d'elles não provaram a sua bondade propria, desterrando-os, matando-os nas masmorras de S. João da Foz, ou queimando-os nos autos-da-fè em Lisboa. Em terceiro logar por que os indios, desbravados por elles, choraram longo tempo o tirarem-lh'os e o reduzirem-os á escravidão antiga. Em ultimo logar, por que os jesuitas do meu tempo são pessoas inoffensivas, e alem d'isso calumniadas, quando praticam actos benemeritos de louvor.

C. CASTELLO-BRANCO.

## COUSAS DO DIABO

Havia em Londun, em França, um pequeno convento de Ursulinas, cujo estabelecimento datava do anno de 1125.

As religiosas eram, pela maior parte, descendentes de cazas nobres, reduzidas a posses mediocres.

Em 1632 era a abbadessa do convento uma religiosa, de linhagem elevada, a qual tinha as mais apertadas relações com o confessor da caza, o padre Mignou, sugeito aparentado com os primeiros magistrados do seu paiz.

N'este tempo era cura da igreja de S. Pedro de Londun um padre, chamado Urbano Grandier, homem elegante, dotado de eloquencia, polido no seu trato com as damas, e distincto por taes qualidades entre o clero grosseiro e fanatico de Londun.

A fama d'este padre penetrou no santo asylo das Ursulinas, e diffundi-se pelo convento como um perfume inebriador.

As religiosas moças passavam horas a conversar ácerca do cura e algumas mais sensiveis sonhavam com Grandier, e declararam ao director espiritual que o tinham sentido entrar de noite nas cellas, e aproximar-se dos leitos, fascinador, audacioso e irresistivel.

O confessor e a abbadessa, ciosas do somnambulismo erotico das freiras, procuraram vingar-se do padre, e conseguiram que dous parochianos pobres accusassem Grandier de *devasso, feiticeiro, demonio, espirito forte que dobrava um só joelho quando orava; accrescentando que dava dispensas sem fazer caso das prerogativas do bispo.*

O tribunal ecclesiastico de Poitiers condemnou o padre a cumprir penitencias rigorosas e a ser bannido de Londun.

O tribunal civil havendo tambem tomado conhecimento do processo, julgou innocente o cura, e o arcebispo de Bordeus, para cuja authoridade recorrera da deci-

são proferida em Poitiers, absolveu-o, rindo-se das accusações; aconselhou-o, porem, a que não voltasse para Londun.

Entretanto Urbano Grandier resolveu regressar a Londun. Entrou na cidade em pleno dia, caminhando triumphante com um ramo de loureiro na mão, pavoneando-se á vista das damas que o olhavam das janellas, embevecidas na contemplação do cura, cuja perseguição e victoria augmentavam sobre-maneira a sua fama de galanteador invencivel.

O director espiritual das Ursulinas, estimulado com a victoria de Grandier, projectou novo combate. Com effeito o cura foi acuzado de haver endemoninhado muitas religiosas pondo o convento das Ursulinas n'um estado deploravel.

A abbadessa que era uma das mulheres mais bellas da França, sentiu-se presa d'uma phalange de demônios cujo chefe era Astaroth: Zabulon apoderava-se d'uma noviça; emfim a comunidade foi toda invadida.

O clero e juizes dirigiram-se ao convento a syndicar do caso. O director Mignou encetou em latim o interrogatorio pelo theor seguinte:

—Astaroth por onde entraste no corpo da abbadessa?

—Por via das flôres.

—Que especie de flores te deram entrada?

—As rosas.

—Quem as mandou?

—Urbano.

—Que appellido tem?

—Grandier.

—Que profissão exerce?

—Cura de S. Pedro de Londun.

—Quem trouxe as rosas?

—Um diabo disfarçado.

Outra religiosa, inquerida, declarou que estava captiva de Asmodeu, alojando na companhia d'este mais seis espiritos.

Outra respondeu que tinha dentro em si o demonio Elimeo, e fazendo visagens, entre risadas convulsas, pronunciou o nome de Grandier.

O abbade Lecanu, referindo este successo na Historia de Satanaz, diz que o diabo se mostrava nas suas respostas estúpido, chato e ridiculo, a ponto de fazer encolher os hombros á assemblea.

Um cirurgião que visitava o convento declarou que as religiosas não estavam indemoninhadas. Certo doutor Duncans chamou ineptos os exorcistas taxando de risivel o caso.

Apezar de tudo o director espiritual da abbadessa, inimigo irreconciliavel de Grandier, valendo-se do parentesco d'aquellas com um conselheiro d'Estado, por nome Laubardemont, conseguiu que este viesse em commissão a Londun tomar conhecimento do processo.

Principiaram novamente os interrogatorios. A abbadessa declarou que se acoitára em suas entranhas uma legião infernal que a aggredera em formas de gatos e de veados.



Os exorcistas espalharam a noticia de que em certo dia os diabos haviam de evacuar o corpo das religiosas. Foi numerosa a concorrência do povo que se comprasia no espectáculo d'esta bacchanal, especialmente com as declarações cynicas das energúmenas. Os diabos resistiram á virtude da agua benta e o povo retirou-se descontente.

No entanto os exorcistas, desejosos do alivio das religiosas, conduziam-nas a passeiar pelos suburbios da cidade. Um dos espiritos deu de si uns resultados intumescentes por tal feitio, que a triste possessa foi victima d'arguições offensivas do seu melindre virginal. Porem o malicioso diabo abandonou-a passados mezes, restituindo-lhe o credito.

Em quanto se passavam estes incidentes o processo proseguia os seus tramites. Um frade, havendo subornado um amigo intimo do guarda dos archivios infernaes, alcançou a escriptura do pacto feito entre Grandier e Lucifer.

D'este documento constava que o padre renegara de Jesus Christo, dos santos, da igreja catholica, apostolica romana, renunciando a todos os Sacramentos.

Em retribuição Lucifer promettera-lhe o amor das mulheres, a flor das virgens, a honra das religiosas, os prazeres, as riquezas, e vinte annos de felicidade sobre a terra.

Esta prova adduzida pelo frade, e especialmente o ser Grandier tido como auctor d'um libello diffamatorio do cardeal de Richelieu, moveram Laubardemont a condemnar o reo. Com effeito Grandier foi queimado no anno de 1634. A farça ignobil da rivalidade do confessor das Ursulinas, as scenas risiveis e devassas das religiosas possessas terminaram tragicamente.

Em vista d'isto começo a prezar o meu visinho mercieiro, livre pensador, e *espirito forte*.

ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.

## NOTICIAS DO PORTO ANTIGO

§

El-Rei D. Fernando prohibiu aos fidalgos residencia ou pousada no Porto. Ha uma sentença em cortes privilegiando a cidade. Em tempos de D. Manoel obtiveram os fidalgos licença de residirem no Porto, com declaração de não viverem na cidade, se a damnificassem, e assim permittiu que Pedro da Cunha vivesse nas suas casas de Monchique. Depois revogou a sentença e confirmou o anterior privilegio, acrescentando que nem os fidalgos enviados com algum cargo, podessem demorar-se no Porto, comprida a m'ssão.

E acordaram os membros do senado que se alguem vendesse ou alugasse casa a fidalgos perdesse o preço d'ellas e todos os seus bens para a cidade e fosse posto fóra, e as pessoas de fora perdessem o preço das suas terras.

D. João 1.<sup>o</sup> mandou que o juiz da cidade fizesse correição contra os fidalgos uma vez por mez. Aos fidalgos do antes era-lhes permittido vir curar-se á cidade, trazendo provisão real.

Concedeu o Porto a Fernão Coutinho que vivesse nas suas casas de Monchique quarenta e cinco dias cada anno, repartidos em trez temporadas, cada uma de quinze dias. Vindo Rodrigues Pereira ao Porto, e demorando-se mais de tres dias, se ajuntou o povo e lhe poz fogo ás casas e houve mortes. Queixou-se Rodrigues Pereira ao juiz e vereadores. Os criminosos foram absolvidos por matarem e incendiarem em deffeza de seus privilegios. (1)

§

A agua das tres fontes de Paranhos se mandou trazer para esta cidade por alvará passado em 1597. Para a despeza offereceu o povo mil crusados.

§

D. Diniz prohibiu aos moradores do Porto que passassem pelos caminhos de Gaya, por que o faziam defraudando a dizima. D. Affonso 4.<sup>o</sup> levantou a prohibição, exceptuando os passageiros carregados. D. João 1.<sup>o</sup> libertou completamente a passagem, mandando construir na Rua Direita de Gaya uma casa onde se pagassem os direitos das cargas. D. Affonso V deu Gaya ao Porto. D. João 1.<sup>o</sup> confirmou o alvará, não obstante a ter dado a outro. Gaya tem privilegio de não convisinharem d'ella fidalgos. A quinta de Val d'Amores tinha sido dada a Alvaro Gonçalves. Requeru a cidade contra as violencias do fidalgo, e D. João 1.<sup>o</sup> tirou-lhe a quinta. (2)

Alvaro Gonçalves, sr. de Gaya, levava duas canadas de vinho em cada pipa de Cima-Douro. Resistiram-lhe com o foral d'Affonso 3.<sup>o</sup>, e não lhe pagaram. Os do Porto e Gaya, depois de muita desavença, concertaram-se em repartir as mercadorias que viessem do mar e descessem do Douro.

§

Não era admittido á governança quem usasse de regatia ou vendesse vinho que não fosse de lavra sua.

§

No anno de 1546 se ordenou que na cidade houvesse um mestre de grammatica pago da imposição do sal. O ordenado eram 10\$ reis annuaes. O primeiro mestre chamou-se Marcial de Gouvêa.

§

El-rei D. Manuel mandou faser um hospital n'esta cidade e deu a provedoria a Vasco Carneiro.

(1) Tratou brilhantemente este assumpto o sr. Arnaldo Gama n'um dos seus excellentes romances. Omitto outras especies sobejante desairosas e vilipendiosas para a fidalguia.

(2) Este Alvaro Gonçalves era o chamado *Magriço*, um dos doze de Inglaterra, heroicamente cantados por L. de Camoens. Parece que o valentão não tratava mais humanamente os visinhos do que os inglezes.



§

Quem deu aos portuenses o privilegio de infanções e ricos-homens foi D. Affonso 3.<sup>o</sup> em 1299—(1261 da era christan.)

§

Teve a cidade demanda com os judeus sobre dusesentos maravedis de moeda antiga que lhe deviam da casa e chão comprados pelos israelitas. Foram condemnados. A cidade aforou annualmente aos judeus o campo do Olival por dusesentos maravedis de vinte e sete soldos cada maravedi.

Era prohibido a judeus e mouros serem medicos no Porto.

§

Faltando-se aos vereadores com a cerimonia de os incensarem na Sé, onde estavam com as suas insignias na vespera de Corpus Christi, ordenou el-rei ao bispo que não repetisse semelhante descuido.

§

O caminho da Lada ao redor do muro foi mandado fazer por D. Fernando.

§

Por se perderem muitos navios na barra do Douro, depois que cahiu um pinheiro que lhe servia de marca, se mandou fazer a de pedra em 1530. Em 1534 se tirou devassa de quem descascou o pinheiro e o fez secar.

§

No anno de 1575 se concedeu á cidade que podesse dar ordenado de vinte crusados cada anno ao phisico Lopo Dias.

§

Concedeu el-rei e fez mercê á cidade de uma casa sobre um arco na Rua Formosa para os mercadores n'ella se ajuntarem e tratarem dos seus negocios. Os mercadores viviam na rua de S Miguel, e se mudaram para a Ribeira. Querendo alguns voltar para a mesma rua, supplicaram ao rei, que os mandou voltar todos.

§

As primeiras moedas de 10 reis lavraram-se no Porto em 1415

§

No anno de 1529 cahiram 360 braças do muro entre a Porta do Olival e a Porta da Rua de Carros, que se mandou reedificar, e foi avaliada a braça em 800 reis.

§

Concedeu D João 1.<sup>o</sup> ás mulheres do Porto o privilegio de não poderem ser prezas por culpas dos maridos.

§

Porque muitos viviam de pedir podendo trabalhar, ordenou D. João I que ninguem podesse mendigar sem licença da camara. E aos infractores impunham-lhe o castigo de servirem um anno sem soldada.

§

Pedi esta cidade perdão a Affonso V para Egas Gonçalves e outros que mataram Martim Gonçalves. Fôra o caso que, sendo Egas vereador, tirou devaça dos malfeitores e culpou Martim Gonçalves. Este sahiu de noite ao outro e acutilou-o desde a cabeça aos pés.

O infante D. Henrique obteve o perdão de Martim, o qual se apresentou no Porto passeando arrogantemente. Egas e os seus amigos investiram com elle e mataram-no. Movido por taes rasoens, Affonso V perdoou aos assassinos depois de estarem um anno desterrados em Bragança.

§

Por provizão de D. João III quem pescasse no Lago da Foz, á bocca da barra, tinha um anno de degredo e perdimento de barcos e redes.

§

O cidadão que não queria levar nas procissões as varas ou tochas que a camara lhe ordenava, era riscado de cidadão e não podia haver algum cargo.

Na procissão do Corpo de Deus costumavam ir invenções de moças, e na vespera iam á igreja da Sé fazer danças, e no dia, iam á igreja de Santo Ildefonso, outro a S. Pedro de Miragaya. E por que as indecencias abastardaram a devota usança, e das invenções das moças resultava escandalo, ordenou-se a suspensão dos inventos, e encarregou-se o bispo de as reformar. Na Rua Nova fazia-se um aucto quando passava a procissão. O bispo, como achasse escandaloso o auto, mandou dizer no tablado uma qualquer coisa de pouca demora. Os mercadores de sobrado e os de loja foram duas vezes condemnados por teimarem em fazer certa invenção ou trama ao divino.

## ERRATAS ÁS «SABICHONAS».

Onde se lê—Pag. 31 col. 1.<sup>a</sup>  
E' veu *muito* transparente  
leia-se:  
E' veu *mui* transparente.  
Onde se lê—Pag. 31 col. 2.<sup>a</sup>  
Quer *masculanisar-se*;  
leia-se:  
Quer *masculinisar-se*;

## EXPEDIENTE

*A administração d'este jornal previne, para que lhe sejam respeitadas os seus direitos de propriedade, que todos os escriptos do snr. Camillo Castello-Branco, aqui publicados, lhe pertencem.*

*Em conformidade com as condições d'assignatura pede-se aos snrs. assignantes o obsequio de satisfazerem a importancia do 1.<sup>o</sup> trimestre da mesma, no Porto, no escriptorio d'administração, rua do Almada n.<sup>o</sup> 117, em Lisboa em casa do sr. Campos Junior; em Coimbra, J. Augusto Orce; em Aveiro, J. Maria da Costa Azevedo; em Lamego, Francisco Marques da Rocha, Braga, Germano Joaquim Barreto, e na Villa da Feira, Joaquim Eduardo d'Almeida Teixeira.*

*Aquelles snrs. das terras onde não temos correspondentes podem fazel' o por meio d'estampilhas ou vales do correio.*